

PINTO, Elizabeth Medeiros. A difícil inclusão do Corpo Inumano. PORTO ALEGRE: Mestre em Artes Cênicas pelo PPGAC/UFRGS 2010; Professora e Atriz.

RESUMO

A proposta pretendida com o presente trabalho é a reflexão sobre a possibilidade e as dificuldades de inclusão dos corpos que Hans-Thies Lehmann chama de “inumanos”, ao mencionar alguns exemplos de atores com corpos fora do padrão comum de beleza no teatro, em seu livro *O Teatro pós-dramático*. Atuo como professora de teatro e educação física já há 16 anos na escola especial do Centro de Reabilitação São João Batista, e meus alunos são crianças e adolescentes com Paralisia Cerebral e quase todos se locomovem em cadeira de rodas. Como realizar a inclusão, se as barreiras começam na sala de aula e se espalham pelas ruas, prédios públicos, locais de ensaio e teatros?

Palavras-chave: Inclusão. Teatro. Cadeira de Rodas. Corpo Inumano.

ABSTRACT

The proposal intended by the present work is the analysis about the possibility and the difficulties of inclusion of the bodies that Hans-Thies Lehmann calls “inhuman”, when he mentions some examples of actors with bodies are out of the common beauty standard in the theater, in his book *The Postdramatic Theater*. I have been working as a theater and physical education teacher for 16 years in the special school at “Centro de Reabilitação São João Batista” and my students are children and adolescents with cerebral palsy and most of them can only move themselves by a wheels chair. How can we make the inclusion if the barriers start in the classroom and spread through the streets, public buildings, rehearsal rooms and theaters?

Keywords: Inclusion. Theater. Wheels Chair. Inhuman Body.

Leciono teatro e educação física na Escola Especial Educandário São João Batista há 16 anos.

Meus alunos são crianças e adolescentes com necessidades especiais, e a maioria deles tem encefalite crônica não progressiva, mais comumente conhecida como Paralisia Cerebral e, alguns outros, mielomeningocele (espinha bífida), o que faz com que muitos ou quase todos se locomovam em cadeiras de roda.

Quando fui convidada por uma amiga que fazia estágio voluntário de fisioterapia a ir ao Educandário, ela me disse: “Precisamos de uma criatura maluca como tu para ‘louquear’ com as crianças!”. Mas eu nunca havia entrado em contato com “excepcionais”! Este foi o termo que usei para responder a este convite-provocação. Eu nem havia passado pela disciplina de Educação Física Especial, mas sabia que todos os mais descoordenados da faculdade eram chamados, pejorativamente, de efi-especial.

Na faculdade de artes cênicas e na de educação física, estuda-se o corpo humano capaz, totalmente funcional. Em excelência. Porém, os corpos com os quais eu trabalho são considerados ineficientes ou deficientes. Por isso, talvez, o espanto de meus colegas quando souberam que eu estava estagiando lá, pois me perguntavam sempre: mas o que tu fazes com eles?

Logo percebi que o mais importante eu não havia aprendido em aula alguma: a boa vontade.

Nas minhas aulas, tanto de Educação Física, quanto de Teatro, sempre os estimulava, dentro do possível, a saírem das cadeiras, por acreditar que eles ficam motoramente limitados em cadeiras de roda.

No chão, muitos deles se locomoviam ajoelhados em cima de panos, impulsionando-se com as mãos ou, os mais dependentes, ficavam deitados de costas e se moviam rolando ou rodando no sentido horário ou anti-horário.

Atualmente, as crianças que frequentam a escola especial apresentam cada vez mais dificuldades de movimentação tanto dos membros inferiores quanto dos superiores. Muitas delas não conseguem realizar tarefas consideradas simples, como comer ou beber sozinhas, então, a opção de tirá-las das cadeiras infelizmente não existe mais.

Meus alunos fazem teatro, jogam basquete, vôlei e também fazem capoeira em suas cadeiras de rodas: gingham, realizam movimentos de defesa e ataque com as mãos com muito ritmo, mas com muita adaptação. Cada um dentro de seu tempo, possibilidades e com a sua maneira particular de se movimentar.

Com os alunos que não conseguem falar e têm grande dificuldade ou nenhuma movimentação nos membros superiores, fizemos nas aulas de teatro uma fotonovela que se transformou em um filme bastante assistido na internet¹.

Hoje em dia a educação inclusiva está sendo bastante incentivada, porém minha grande preocupação é que a grande maioria, senão a totalidade dos meus alunos que saem da escola especial e vão para a rede de ensino regular são excluídos das aulas práticas.

Uma das minhas ex-alunas, Thais Ribeiro, que agora frequenta o ensino regular na 7ª série do ensino fundamental em uma escola estadual, veio dizer-me muito contente que, agora sim está participando das aulas de educação física. A professora nova vem desenvolvendo aulas de expressão corporal e dança e a chamou para fazer parte do grupo de alunos em vez de excluí-la como vinham fazendo os outros professores que deram aula nos dois outros anos, apesar de orientações que eu passava e dos apelos que ela própria fazia de que era capaz de correr de cadeira e jogar como fazia nas aulas comigo no Educandário. Os professores alegavam certo receio quanto à válvula que ela tem na cabeça em consequência da hidrocefalia, que é uma das características

1 Disponível em: <<http://youtu.be/8hahNjxg-kA>>. Acesso em 10 de agosto de 2011.

da Mielomeningocele². Realmente, a válvula é algo que se deve ter cuidado, mas não a ponto de termos de fazer com que a pessoa seja excluída de jogos e brincadeiras das aulas.

Outra ex-aluna, Suelen Rodolfo, também com mielomeningocele, sofreu com a exclusão das aulas de educação física na escola regular, mesmo eu tendo conversado com suas professoras por telefone e explicado que ela era absolutamente capaz de se movimentar com muletas e, ocasionalmente, com cadeira de roda. Felizmente essas experiências negativas não a fizeram desistir do esporte e da vida social. Atualmente, Suelen participa de competições nacionais e internacionais de esgrima.

Uma brilhante aluna de teatro, Rita Ramos, me colocou em xeque ao perguntar: “O que tu achas de eu tentar a faculdade de Teatro?”. Fiquei um tempo sem resposta, olhando seu corpo com graves limitações motoras tanto nos membros superiores quanto inferiores e acomodado em cima de uma cadeira de rodas elétrica. Engoli em seco e respondi: “Minha querida, se é esse teu sonho, vai atrás!”.

Esse diálogo me persegue desde então e me faz pensar em como seria possível realizar o desejo desta minha aluna e de vários outros. Penso nas barreiras não apenas físicas, como a falta de ruas, prédios e meios de transportes com acessibilidade, mas também nas barreiras humanas e mentais a enfrentar.

O sociólogo João Baptista Cintra Ribas (1996) coloca a ignorância como sendo responsável por preconceitos relacionados às pessoas que têm deficiências, pois quando alguém não sabe, começa a achar, podendo assim fazer interpretações que muitas vezes fogem da realidade da vida das pessoas. Do que elas podem ou não podem fazer.

[...] em maior ou menor grau, todos nós somos preconceituosos. Ninguém escapa. Nem mesmo pesquisadores universitários e acadêmicos. Isso porque a primeira impressão é sempre preconceituosa, já que está relacionada a algo com o qual jamais tivemos contato. É verdade que os pesquisadores universitários e acadêmicos (sobretudo os que trabalham com as ciências humanas) reelaboram o preconceito que existe dentro deles, até mesmo para conseguir pesquisar. E aí, então, conseguem enxergar o que está por trás da primeira imagem.

O preconceito com relação a pessoas com deficiência vem muitas vezes imbuído de um sentimento de negação, ou seja, a deficiência é vista apenas como limitação ou como incapacidade. A sociedade, embora tenha um discurso que prega a inclusão social de pessoas com deficiência, ainda vê essas pessoas pelo que não têm, ou pelo que não são. Não nos acostumamos a olhar os sujeitos que têm deficiência pelo que têm ou pelo que são. Nesta medida, a pessoa com deficiência auditiva é aquela que não ouve, a pessoa com deficiência visual é aquela que não enxerga. Ou seja, nos aproximamos da deficiência a partir da negação. A pessoa com deficiência é sempre aquela que não tem ou não apresenta alguma capacidade que a outra tem ou apresenta. Dessa forma, o sentimento de negação pressupõe sempre uma atitude e um comportamento de negação que traz para essas pessoas sérias consequências, como exclusão, marginalização, discriminação, entre outras.

² Também conhecida como Spina Bífida, é uma má-formação congênita da coluna vertebral. A medula espinhal é exposta, dificultando sua função primordial de proteção, que é o “tronco” de ligação entre o cérebro e os nervos periféricos do corpo humano.

Esse sentimento de negação acompanhado de uma atitude e comportamento negativos com relação à pessoa com deficiência acaba por refletir em um sentimento de que é “melhor não viver assim”, sentimento esse que ainda é razoavelmente difundido nos dias atuais e que coloca em questão um tema muito polêmico: a morte. Isso porque ao ver a deficiência apenas pelo lado negativo, não se consegue enxergar um horizonte para aquele que tem uma deficiência física, mental ou sensorial [...] (RIBAS, 2007, p. 24).

Atualmente, algumas companhias influentes³ da dança contemporânea, ou pós-moderna, têm entre seus integrantes, alguns bailarinos com corpos que fogem do conhecido padrão de beleza ou “normalidade”. Hans-Thies Lehmann fala em corpos “inumanos”⁴, ao mencionar alguns exemplos de atores com corpos fora do padrão de beleza no teatro pós-dramático.

Eu percebo que a deficiência tende a gerar dois tipos de reação: a repulsa em ver um corpo “deformado”, tão diferente do ideal de beleza cada vez mais em voga na sociedade de consumo, ou a piedade quando se passa a mão na cabeça do deficiente e acha-se que tudo que ele faz é ótimo já que ele tem restrições. Uma amiga me relatou, envergonhada, a reação da plateia de *Os Efêmeros* do Théâtre du Soleil em Porto Alegre em Cena de 2007, que aplaudia cada entrada em cena do jovem ator da companhia, portador de Síndrome de Down. Felizmente isso não se repetiu na apresentação a que assisti.

Ann Cooper Albright (1997) critica e cita vários exemplos de companhias que pecam ao fazer coreografias para “d-eficientes” e “eficientes” que acabam salientando, mesmo sem perceber, a grande desigualdade física existente entre eles. Seja em movimentos em que os bailarinos “sobre pernas” direcionam e motivam o movimento das cadeiras de roda e as bailarinas sobre rodas apenas seguem os seus parceiros ou em outro momento em que o artista cadeirante é tratado como uma criança por uma dançarina que interpreta uma enfermeira.

Mesmo uma companhia como a Candoco, que faz uma combinação mais homogênea e interessante entre os dançarinos cadeirantes e caminantes, ainda não consegue se livrar de velhos chavões em colocar bailarinas cadeirantes fazendo movimentos frágeis e decorativos de braços enquanto os “caminhantes” dançam vigorosamente entre as cadeiras. Na coreografia *Outside in*, pude observar algumas movimentações sem muita criatividade das cadeiras de roda e um único bailarino d-eficiente que sai e volta com desenvoltura da cadeira de roda, David Toole.

Porém, Albright consegue perceber certa esperança no trabalho de outra companhia, a Light Motion, devido à grande habilidade da bailarina Charlene Curtis, fundadora da companhia, que diz que acha importante que a pessoa “hábil” não tente levar a pessoa “não hábil” em seus movimentos e também que, quem dança com alguém com deficiência deve dançar com eles como eles são! Ela utiliza sua cadeira de rodas de uma forma inovadora, como se ela

³ Candoco e DV8, por exemplo.

⁴ “A entrada em cena do mencionado ator sem braços, do rapaz com Síndrome de Down que representa Agamenon, ou do autista que representa Horácio, torna experienciável – no limite da norma (e da suportabilidade) – o corpo ‘inumano’” (2007, p. 344).

fosse uma extensão do seu próprio corpo. Também, segundo Albright, a habilidade de Curtis ao pilotar sua cadeira de rodas é tão grande, que faz com que a coreografia para cadeira de rodas se torne “visualmente mais intrigante que a coreografia para pernas, mas que a maior parte do tempo o companheirismo dos dançarinos complementa a ênfase física ou rítmica do outro” (1997).

Mais recentemente, a companhia inglesa DV8, que vem inovando em vários aspectos dentro do que eles chamam de Teatro Físico ou dança contemporânea (aqui vemos os limites absolutamente borrados entre as artes cênicas), nos apresenta em seu filme *The Cost of Living* o mesmo David Toole que realiza, entre outras façanhas, um *pas-de-deux* com uma bailarina clássica.

Temos no Brasil, poucos exemplos de trabalhos de inclusão de pessoas portadoras de necessidades especiais. A grande maioria são portadores da Síndrome de Down que, perto das grandes dificuldades motoras e mentais de meus alunos, considero como deficiências moderadas. No Rio Grande do Sul temos o excelente trabalho de Carla Vendramin, fisioterapeuta e mestre em coreografia pela Middlesex University, que atualmente vem desenvolvendo o projeto *Perspectivas*, originado a partir do processo colaborativo de pesquisa coreográfica com as bailarinas Julie Cleves e Kimberley Harvey, em Londres entre 2008-2010. O elenco de *Perspectivas* é formado por bailarinas com e sem deficiências.

Companhias como estas são um sopro de esperança e, quem sabe, possamos muito em breve diminuir ou acabar com o preconceito gerado pela ignorância em relação a corpos que fogem do chamado padrão do corpo dito normal, ideal. E isso tem que ser o reflexo do dia a dia: corpos de todos os tipos, tamanhos e cores exercendo sua cidadania, o seu direito de ir e vir nas ruas, meios de transportes, escolas, prédios públicos, cinemas, locais de ensaio, teatros etc.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBRIGHT, Ann Cooper. *Coreographin Difference*. Wesleyan University Press, 1997.

LEHMANN, Hans-Thies. **Teatro Pós-dramático**. São Paulo: Cosac e Naify, 2007.

RIBAS, João Baptista Cintra. **Viva a diferença: convivendo com nossas restrições ou deficiências**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996.

_____. **Preconceito contra as pessoas com deficiência: as relações que travamos com o mundo**. São Paulo: Cortez, 2007. (Preconceitos, 4).